

Por que as pesquisas eleitorais se distanciam tanto da realidade

Escrito por Indicado em la materia

Miércoles, 22 de Octubre de 2014 22:26 - Actualizado Sábado, 25 de Octubre de 2014 13:32

"Hoje é segunda-feira, dia 6 de outubro. Considerando a margem de erro do Ibope, feliz Natal!" Brincadeiras assim se espalharam pelas redes sociais nas últimas semanas. A razão foram as divergências entre os resultados de pesquisas eleitorais e das eleições reais.



Pesquisas feitas com eleitores logo após o momento do voto erraram ao estimar os resultados para dez candidatos – entre eles, [Dilma Rousseff](#) (PT) e Anthony Garotinho (PR) – para mais –, e [Aécio Neves](#) (PSDB), Geraldo Alckmin (PSDB) e Rui Costa (PT) – para menos. O que aconteceu? Poderemos contar com pesquisas melhores no futuro?

Os erros mais graves ocorreram nas pesquisas do tipo boca de urna. Elas deveriam chegar a números consistentes com a apuração das urnas, mas erraram muito. O problema ocorreu

nas disputas pela Presidência da República e pelo governo dos Estados da Bahia, do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e de São Paulo.

Fora o prejuízo à imagem de respeitados institutos de pesquisa, as piadas revelam um cenário preocupante. Pesquisas eleitorais servem de ferramenta de decisão para eleitores, partidos e candidatos. É comum que o cidadão use os números para tomar decisões cruciais – escolher entre voto útil e voto de princípios, ou escolher, entre dois candidatos, qual considera com maior chance de bater um terceiro. Se nem a pesquisa de boca de urna reflete a realidade, fica ainda mais difícil confiar nas pesquisas de intenção de voto, feitas antes das eleições.

Algumas pesquisas feitas nos dias anteriores ao pleito chegaram a resultados muito diferentes dos apurados depois. Essa diferença, isoladamente, é até natural. As eleições de 2014 foram marcadas pelo adiamento das escolhas de candidato e por grandes ondas de mudança de opinião ao longo da campanha. “O debate da TV Globo, na quinta-feira antes das eleições, alcançou cerca de 60 milhões de telespectadores”, afirma Mauro Paulino, diretor do [Datafolha](#)

. “Na opinião dos eleitores, Aécio se saiu melhor. Muitos dos que pensavam em votar na Marina passaram a pensar em votar no Aécio.” Nenhuma pesquisa feita dias antes das eleições está blindada contra esse tipo de mudança rápida. Quem lê uma pesquisa deve esperar dela apenas o que é justo: refletir a intenção de voto num determinado momento, muito específico. Os erros mais graves e difíceis de justificar ocorreram nas pesquisas do tipo boca de urna, aquela que questiona o eleitor logo após o voto.

Nesse caso, não existe a justificativa das mudanças rápidas de opinião da população. Os profissionais da área buscam outras explicações. “Em comparação com 2010, tivemos 30% a mais de eleitores que disseram ter votado em branco, nulo ou que estavam indecisos até a hora do voto”, afirma Márcia Cavallari, diretora do [Ibope](#). “Isso pode gerar distorções.” O presidente do comitê de opinião pública da Associação Brasileira de Pesquisa (Abep), João Francisco Meira, afirma que, muitas vezes, o eleitor não informa realmente em quem votou ou não admite que anulou o voto. “Existe uma sanção à escolha de não querer votar. Então ele não confessa que não votou”, diz. As explicações, porém, não eliminam uma possibilidade pior. Os erros na boca de urna levantam a possibilidade de haver falhas sistemáticas nas pesquisas.

>> Mais notícias de Eleições 2014

Entender como elas são feitas é um passo fundamental. Para avaliar um universo grande como a população brasileira, um recurso corriqueiro em estatística é organizar amostras. É inviável ouvir os 140 milhões de eleitores brasileiros. Por isso, escolhe-se um universo menor, que costuma variar entre 2 mil e 3 mil pessoas. Essa amostra deve representar com a máxima perfeição a diversidade do eleitorado, com critérios como sexo, idade, região de residência e classe socioeconômica. A partir daí, os pesquisadores procuram indivíduos que preencham os critérios. É comum que as pesquisas no Brasil busquem um nível de fidelidade de 95%, que gera um “intervalo de confiança”. Assim, a cada 100 pesquisas feitas, em 95 o resultado real deveria ficar dentro da margem de erro. Pode-se aumentar esse indicador com uma amostra maior ou mais refinada. Quanto maior é a fidelidade, porém, mais caro e trabalhoso é aumentá-la. “A desconfiança é compreensível. Uma pesquisa dessas consulta menos de 0,01% da população”, diz Dani Gamerman, professor do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autor do blog Statpop. A ciência estatística prova, porém, que o resultado é extremamente confiável com uma amostra desse tamanho. Com a fidelidade de 95%, as pesquisas costumam embutir margem de erro de 2 pontos percentuais.

Os principais erros

A divergência entre os resultados de pesquisas de boca de urna e a apuração dos votos fez muita gente questionar o Ibope. Confira as diferenças e o que poderia ser feito para melhorar as pesquisas

Em %

ERRO ALÉM DA MARGEM ACEITÁVEL

PRESIDÊNCIA

- Dilma Rousseff (PT)
- Aécio Neves (PSDB)
- Marina Silva (PSB)

Boca de urna
do IBOPE

RESULTADO
DA VOTAÇÃO



GOVERNO | BA

- Rui Costa (PT)
- Paulo Souto (DEM)



GOVERNO | RJ

- Pezão (PMDB)
- Garotinho (PR)
- Crivela (PRB)



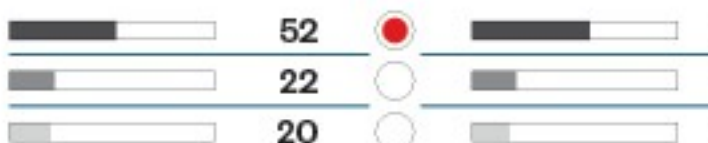
GOVERNO | RS

- Tarso Genro (PT)
- José Ivo Sartori (PMDB)
- Ana Amelia (PSB)



GOVERNO | SP

- Geraldo Alckmin (PSDB)
- Paulo Skaf (PMDB)
- Alexandre Padilha (PT)



Por que as pesquisas eleitorais se distanciam tanto da realidade

Escrito por Indicado en la materia

Miércoles, 22 de Octubre de 2014 22:26 - Actualizado Sábado, 25 de Octubre de 2014 13:32

~~Este artículo fue publicado en el sitio web de la revista "El Financiero" el día 22 de octubre de 2014. El contenido de este artículo es propiedad intelectual de la revista "El Financiero" y no debe ser reproducido sin el consentimiento expreso de la misma.~~